

ÍNDIOS OU CABOCLOS?

Os Filhos da Serra de Umã

Rodrigo de Azeredo Grunewald*

Embora o presente artigo tenha por título uma indagação, não toma por objetivo respondê-la de forma fechada ou definitiva. O propósito que aqui se estabelece é o de refletir a construção da identidade exibida pelo grupo étnico Atikum-Umã, o qual surgiu no cenário nacional como um grupo indígena apenas na década de quarenta do presente século.

A Etnogênese dos Índios de Atikum-Umã

A “comunidade indígena de Atikum-Umã”, com uma população de quase quatro mil habitantes, habita a Serra do Umã, distrito de Carnaubeira, município de Floresta, sertão pernambucano. Esta região geográfica foi, a partir da passagem dos séculos XVII / XVIII, palco de muitos conflitos entre índios e brancos que penetravam cada vez mais nas terras dos primeiros levando adiante a frente de expansão pastoril.

Se não há notícias da existência de um grupo indígena com o nome de Atikum antes da década de quarenta deste século, existe contudo diversas referências quanto a um grupo denominado Umã, que foi aldeado, juntamente com os grupos Xocó, Vouve e Pipipan, em 1802 pelo frei Vital de Frescarolo em lugar onde hoje é uma das aldeias da área indígena. Na verdade, tal aldeamento não durou muito e os citados grupos voltaram a perambular (migrar) pelos sertões (do Ceará e Sergipe) sempre fugindo dos caminhos do gado. No mais, além dos acima citados, vários foram os grupos que se entrecruzaram - inclusive negros quilombolas - nesses deslocamentos.

No início da década de quarenta do presente século, determinado grupo camponês que habitava a Serra do Umã - e o qual era conheci-

do na região circunvizinha como “os negros da Serra do Umã”¹ -, informado de que existia um órgão (SPI - Serviço de Proteção ao Índio) que estava criando reservas indígenas para a assistência às comunidades de descendentes de índios no Nordeste e indignado com os fatos de a prefeitura de Floresta vir cobrando impostos sobre o uso do solo na Serra e de os fazendeiros vizinhos à mesma virem colocando o gado para pastar em suas roças, se organiza e alguns dos seus membros procuram o citado órgão, assumindo-se como *caboclos*, *descendentes de índios*, e reivindicam a criação de uma reserva indígena. O SPI diz que para levar a efeito tal reconhecimento teria que vê-los dançando um *toré*², ocasião em que seria atestada sua condição de *índios*.

Ora, os caboclos da Serra do Umã já haviam perdido contato com essa tradição há muito e não sabiam mais como desempenhá-la. Convidam então índios de Tuxá (Rodelas/BA) para lhes ensinarem o toré. Quando um inspetor do SPI foi à Serra averiguar a presença indígena na mesma, encontrou um toré muito bem organizado e concluiu que se tratava mesmo de índios, assentindo, conseqüentemente, com a criação da reserva indígena, que recebeu o nome de Atikum. Desde então os habitantes da Serra entram no conjunto da sociedade nacional como índios, sendo assistidos pela União. Mas guardam eles uma identidade de índios? Podemos pensá-los como índios realmente?

A Ilusão Autóctone

Adeptos da aculturação pensavam os índios do Nordeste como comunidades que, no contato com a frente de expansão pastoril, foram paulatinamente perdendo seus costumes tradicionais e incorporando os dos brancos, guardando, todavia, uma identidade mínima que lhes garantia o status de grupo étnico. Na

verdade, tais grupos eram vistos como *resíduos de populações indígenas* e seus membros como *remanescentes indígenas*.

Em contrapartida, ao se trocar a noção de aculturação pela de etnogênese, pode-se visualizar não grupos que foram sofrendo perdas, mas perceber a formação de novos grupos étnicos que foram se constituindo por entre descontinuidades históricas e assumindo a denominação de índios, uma vez que seus antepassados assim eram designados e uma vez que é assim que podiam lograr acesso à terra e obter assistência da União. O caso dos índios Atikum-Umã mostra bem esse processo, que não foi o de perdas que um grupo específico foi sofrendo até se tornar um resíduo de uma cultura aborígine prévia. Muito pelo contrário, trata-se de um grupo de pessoas de diversas origens étnicas (índios descendentes de diversos grupos distintos, negros e brancos) que, ameaçados de perderem seu recurso básico (a terra), resolvem constituir-se como comunidade indígena e se atribuir tradições tais como o órgão tutor exigia para o reconhecimento de reservas indígenas no Nordeste. Nesse sentido, é um erro pensar como índios apenas aqueles que guardam uma cultura aborígine - e a isso eu chamo de *ilusão autóctone* -, pois grupos indígenas surgem situacionalmente da mesma forma como suas tradições podem ser situacionalmente construídas.

Além disso, deve-se ter em mente que a escolha em tornar-se índios não é totalmente arbitrária, pois se a etnicidade do grupo foi politicamente acionada com um interesse específico, isso só foi possível com base numa identificação prévia, ou seja, é somente com base num compartilhamento de traços culturais que se pode construir uma unidade étnica. Mas se os camponeses que habitavam a Serra do Umã eram conhecidos como “os negros da Serra do Umã” por que não se formaram como uma comunidade negra? Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que os negros que afluíram para as serras do sertão eram refugiados que foram acolhidos pelas populações indíge-

nas e começaram a viver, a princípio, dentro dos padrões destas (apesar de não terem interagido culturalmente apenas de forma passiva, isto é, levaram elementos que foram incorporados pelos índios), tornando-se, assim, membros de tais agrupamentos. Em segundo lugar, há o simples fato de ser um órgão de assistência a populações indígenas que estava empenhado em criar reservas, pois se ao invés do SPI, existisse, com as mesmas finalidades, um SPN (Serviço de Proteção ao Negro), haveria a possibilidade de que os Atikum-Umã buscassem surgir como negros no cenário nacional. O certo, todavia, é que eles, ao procurarem o SPI no início dos anos quarenta, se identificaram como *caboclos*, descendentes de índios.

Dessa forma, os Atikum-Umã são índios simplesmente porque é assim que eles entram no conjunto da sociedade nacional, ou seja, eles ocupam um espaço jurídico-político que é garantido aos grupos indígenas. Mas, e quanto a sua identidade? Como os Atikum-Umã a operam cotidianamente se a sua condição de índios foi forjada numa situação específica?

Os Filhos da Serra

De fato, são raros os Atikum que cotidianamente se dizem índios, preferem dizer que esses eram seus antepassados. Se auto-referem como *caboclos* e utilizam a categoria índio mais de forma política como garantia de acesso aos recursos federais.

Se os *caboclos* que visam assistência sabem que isso só é possível a grupos indígenas, eles tentam devolver ao branco a imagem que esse faz do que seja um índio (e tanto a categoria *índio* quanto a conceptualização que se faz do índio foram inventadas pelo branco). É assim que o *toré* é reatualizado pelos Atikum da forma como o branco exigiu que fosse e não como algo inerente ao arbitrário cultural do grupo que habitava a Serra. É assim também que não apenas os Atikum, mas outros grupos do Nordeste, usam em seus encontros demonstrativos com brancos cocares e outros adereços de penas, quando sabemos que a arte plumária não fazia parte das culturas nativas dessa região. É a imagem do *índio de Fort-Apache*, de *índio do Xingu* que é a representação que se faz do que seja *índio de fato*; e é essa mesma representação que os Atikum - e ao que parece demais índios nordestinos - também fazem do *índio*, pois essa é uma idéia que lhes foi incutida na cabeça ao longo do contato com o elemento branco.

Vendo-se, portanto, diferentes de tais índios, os Atikum procuram aproximar-se dos mesmos exibindo alguns adereços. Mas se isso é uma atitude nitidamente política, por outro lado eles sabem que descendem de índios, inclusive pelo vasto material arqueológico que se encontra constantemente na Serra do Umã. Pela representação que eles têm do que sejam índios, estes eram, portanto, seus antepassados - os "bravios", como gostam de chamar - sendo eles *caboclos*, descendentes dos primeiros.

Estabelecido que eles se representam (pensam, imaginam) como *caboclos*, falta agora estabelecer sua identidade, uma vez que eles se autodenominam "índios de Atikum-Umã".

O primeiro ponto é que há uma etnicidade acionada pelos Atikum, eles de fato formam um grupo étnico. Se sabem que não se enquadram na representação geral do que seja índio, nem por isso deixam de formar um grupo específico que possui uma auto-identificação coletiva. Contudo, tal identidade parece menos ser fruto de uma categorização étnica, pois mesmo antes de se formarem historicamente como um grupo indígena, já havia na Serra uma identidade entre seus moradores que os levou, inclusive, a reivindicar um status indígena, um status de grupo étnico. Mas que identidade é essa?

Parece-nos que a construção dessa identidade decorre mais por pertencimento à Serra do Umã, local de refúgio de várias porções populacionais que para lá afluíram fugindo ao ciclo do gado. Foram esses contingentes populacionais se mesclando, formando unidades familiares e tomando a Serra como sua morada. Estabeleceram ali uma *comunidade*³. Eram os moradores da Serra, agricultores e compadres uns dos outros, formando além disso, uma sociedade preferencialmente endogâmica, uma vez que isso era garantia de manter as terras na Serra longe da presença de estranhos. Sua noção de pertencimento ao grupo, à comunidade, dava-se por compadrio e parentesco, eles esses que os fortalecia contra as investidas dos fazendeiros que cada vez mais se aproximavam. É aí que estava sua unidade, é por aí que estabeleciam sua identidade: a de serem oriundos da Serra do Umã.

É claro que eles sabiam ser descendentes de índios, mas também de negros e brancos. Eram *caboclos*, *caboclos* da Serra do Umã. E é de fato somente com base nessa identidade prévia que lhes foi possível, frente a uma situação adversa (fazendeiros e prefeitura com interesses em suas terras) se organizarem politicamente e reivindicarem um reconhecimento de sua comunidade, que era a única garantia de acesso seguro à terra que lhes pertencia. Se era como índios que deviam se mostrar à sociedade

nacional, assim o fizeram podendo dar continuidade à sua formação como uma população discreta, auto-identificada, auto-referente. Se agora se chamam de Atikum-Umã, isso não nega sua identidade anterior de *caboclos*, apenas soma-se a esta, fortalecendo ainda mais os elos da comunidade.

Dessa forma, se as identidades de *caboclo* ou *índio* são por vezes mutuamente inclusivas, também são genéricas e não capazes de distingui-los, por exemplo, de outras comunidades indígenas do Nordeste, cujos membros também pareciam se identificar de ambas as formas. Além disso, pessoas que não são oriundas da Serra do Umã também podem ser consideradas como índios ou *caboclos*. Por exemplo, existem na Serra os *aldeados*, pessoas de fora que lá se estabeleceram por casamento, por compra de roça de algum índio, etc. Esses podem ou não ser concebidos como índios/*caboclos*, mas nunca de Atikum-Umã. São considerados índios aqueles que se empolgaram com o *toré* (e aí incluem-se os chamados *trabalhos ocultos*⁴) e participam dessa prática ritual. Contudo não são nascidos na Serra, são estrangeiros que foram aceitos pela comunidade como um membro, como índio; mas não como de Atikum-Umã, pois não descendem de Atikum, filho de Umã, o dono da Serra que em outros tempos era chamada de HNUMARAMÃ, que em Cariri significa aproximadamente *Serra dos filhos da guerra*.

* Rodrigo de A. Grunewald é Prof. da Área de Antropologia do Dpto. de Antropologia e Sociologia da UFPB-Campus II - Campina Grande.

NOTAS

1- FERRAZ, Alvaro. Floresta: memórias de uma cidade sertaneja no seu cinquentenário. Cadernos de Pernambuco nº 8. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1957.

2- Festa "tradicional" de caráter sagrado, em que se dança em círculos ao som de maracás e cantigas (toantes) e há intervalos para se louvar Jesus Cristo, santos católicos, mestres do *catimbó* e ancestrais míticos.

3- Partimos da elaboração de Weber ("Comunidades Etnicas" in: Economia y Sociedad, vol. 1. México, Fondo de Cultura Económica, 1974), tentando apreender uma comunidade enquanto sentida subjetivamente pelos seus membros como uma marca característica comum e enquanto dispensando, dado às crenças subjetivas - como a crença no parentesco de origem - daí decorrentes, o estabelecimento de fronteiras bem delimitadas.

4- Forma privada de *toré* e que muito se assemelha de uma forma geral ao *catimbó* tal como descrito por Cascudo em seu verbete para o Dicionário do Folclore Brasileiro (São Paulo, Melhoramentos, 1979) e em especial à festa do Ajucá descrita por Carlos Estevão de Oliveira em seu "O Ossuário da 'Gruta do Padre' em Itaparica e algumas Notícias de Remanescentes Indígenas no Nordeste Brasileiro" (Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 14-17 [1938-1941]).